

O QUARTEL E A CASA:

Uma etnografia das famílias de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras¹

Cristina Rodrigues da Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social²

Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil

RESUMO

O paper apresenta resultados preliminares de um estudo etnográfico sobre as famílias de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (Resende/RJ) – instituição representativa do Exército Brasileiro. O foco está na compreensão da composição da família do militar, sua rede de relações e os ambientes em que circulam. Os dados têm mostrado que o termo “família militar” é tido como um conceito nativo, pois significa para os militares tanto a identidade do grupo (a instituição militar como um todo); como o valor da família como suporte para a vida. Assim, vemos que a “família militar” apresenta características que são definidas, sobretudo, pelas normas e condutas da instituição militar, nos sugerindo a idéia de que a família possa ser uma extensão do quartel, que se reflete na organização da moradia e do cotidiano dessas pessoas, marcado, segundo elas, por um convívio maior com famílias de mesmo círculo hierárquico do cônjuge militar e por certas dificuldades, como o problema do cônjuge em dedicar-se a uma profissão, devido às freqüentes mobilidades geográficas que o oficial de carreira é submetido.

Palavras-Chave: Família Militar, Hierarquia, Antropologia dos Militares.

ABSTRACT

The paper presents preliminary results of an ethnographic study on the families of officials of the Academia Militar das Agulhas Negras (Resende/RJ) – representative institution of the Brazilian Army. The focus is in the understanding of the composition of the family of the soldier, your web of relations and the environments in which they circulate. The data have been showing that the term “military family” is had like a native concept, since it means for the militaries so much the identity of the group (the military institution as a whole); like the value of the family as support for the life. So, we see that the “military family” presents characteristics that are defined, especially, by the rules and conducts of the military institution, when we are suggested by the idea of which the family could be an extension of the quarter, what one reflects in the organization of the dwelling and of the daily life of these persons, marked, by them, for a bigger familiarity with families of the same hierarchical circle of the military spouse and for certain difficulties, like the problem of the spouse in be dedicating to a profession, due to the frequent geographical mobility that the official of career is submitted.

Key words: Military Family, Hierarchy, Military’s Anthropology.

¹ Trabalho apresentado na 26^a. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Agradeço à FAPESP e aos coordenadores do GT 8 – Antropologia do Estado – pela oportunidade.

² Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner (PPGAS-UFSCar).

Introdução

Este paper pretende apresentar alguns dos resultados iniciais de um estudo etnográfico, ainda em andamento, acerca das famílias de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) – instituição localizada em Resende/RJ e responsável pela formação de oficiais combatentes do Exército Brasileiro. O objetivo principal é compreender como se estrutura a família do militar, sua rede de relações e os ambientes em que circulam, buscando mostrar aspectos e práticas da vida cotidiana de oficiais, cônjuges e filhos/as, analisando suas formas de sociabilidade e dificuldades e facilidades em empenhar projetos familiares e individuais.

Um dos interesses que justifica a análise da “família militar” está no fato de tentar compreender se a corporação entende que a família é uma extensão da caserna (quartel), que se reflete na organização da moradia, circulação de filhos, organização do cotidiano (formas de trabalho, lazer, etc.), enfim, na construção de todo um aparato simbólico que torna a família um elemento vital para se entender a dinâmica do cotidiano militar. Cabe lembrar que a vida militar é regida por um sistema de crenças e valores próprios da instituição militar; um grupo considerado “fechado”, tradicional e altamente hierárquico (Castro, 1990; Leirner, 1997).

Ao pensar a “família militar”, também estamos tentando articular os assuntos da vida militar com questões de gênero, parentesco e família. Assim, tratando as noções de parentesco e família como um universo de relações (Schneider, 1968; Strathern, 2006; Carsten, 2003), buscaremos compreender como estas são compartilhadas e vivenciadas entre as famílias de militares e de que modo as normas e condutas da instituição são reproduzidas nesta esfera. Os estudos sobre “família” importantes para pensar nossa pesquisa nos indicam desde a idéia de desnaturalizar e colocar no plano sociológico a noção de família (Lévi-Strauss, 1956; Hérítier, 1989), até a discussão recente sobre a pluralidade de novos arranjos familiares (Carsten, 2003; Fonseca, 2007) que tendem a dissolver a preocupação com modelos e tipologias para pensar em princípios de relação entre os que se dizem e sentem familiares. E, ao pensar nas relações entre homens e mulheres, sempre será adotada a idéia de gênero como relacional, aos moldes de Strathern e Carsten, na qual o masculino e o feminino são dependentes e constitutivos um do outro; mas sempre lembrando que também temos que levar em consideração que a sociedade na qual vivemos naturaliza a dicotomia masculino/feminino.³

³ Nossa sociedade pensa a todo o momento por pares de oposição, havendo uma produção e reprodução contínua, um trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres estão sempre submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. Essa dicotomização dos papéis sexuais comporta sempre uma hierarquia, onde o masculino se impõe como superior ao feminino, isto é, vemos em nossa sociedade uma dominância masculina e autores como Bourdieu (2003) e Hérítier (1989) buscam compreender o porquê dessa classificação.

A pesquisa de campo, até o momento, consistiu em: a) numa observação etnográfica na AMAN e em sua respectiva vila militar; b) na realização de entrevistas com oficiais da Academia e seus cônjuges, além de conversas informais com outros militares e esposas; e c) na participação da pesquisadora em um dos eventos de confraternização do curso de Infantaria da Academia. Ao todo, foram efetuadas 15 entrevistas com casais (marido e esposa) cujo cônjuge militar trabalhava na AMAN no ano de 2007. Os oficiais entrevistados correspondiam a oficiais gerais, oficiais superiores (coronéis, tenentes-coronéis e majores) e oficiais intermediários (capitães).

Ressalta-se que a pesquisa de campo com militares apresenta uma série de particularidades que refletem as próprias características das Forças Armadas⁴ - vista, de um modo geral, como um “mundo próprio” baseado numa escala hierárquica e organizado por características internas e exclusivas⁵. Mesmo que meu trabalho não seja sobre a instituição e sim acerca dos indivíduos que de alguma forma estão inseridos nela, foi necessária uma autorização formal do Comandante da AMAN. E, de modo geral, esse processo para autorização foi demorado e burocrático⁶, levando alguns meses. Nesse tempo fui constantemente questionada pela instituição sobre o porquê da pesquisa, o porquê da escolha de se estudar militares, dentre uma série de questões que demonstraram uma grande preocupação do nativo com a “imagem” que será mostrada dele com meu trabalho. E essa preocupação se estendeu quando fui a campo, com a devida aprovação do comandante.

Nesse sentido, podemos dizer que há um certo “controle” da instituição sobre como o antropólogo vai empregar os métodos para realizar a etnografia, um “controle” que será monitorado pelo “oficial de ligação” – militar encarregado de acompanhar e prestar ajuda ao pesquisador, enfim de ser o “contato” propriamente dito dentro da academia. O “oficial de ligação”, no meu caso a “*oficiala* de ligação”, foi a responsável por “recrutar” os entrevistados⁷, mostrar a academia, explicar regras e mecanismos inerentes ao meio militar bem como estar atento ao andamento e modo como minha pesquisa estava sendo realizada. No entanto, essas dificuldades e possíveis limitações encontradas (como o “controle”, os tramites burocráticos etc.) devem ser entendidas como a forma de acesso a esse objeto e

⁴ É preciso dizer também que cada Força apresenta suas particularidades em relação às outras.

⁵ Sobre isso e sobre outras experiências de campo com militares, ver os trabalhos de Celso Castro (1990) e Piero Leirner (1997).

⁶ Um processo burocrático e, de certa forma, hierárquico; visto que para solicitar autorização do comandante da AMAN (localizada no estado do Rio de Janeiro), foi necessário um pedido para o Comando do Exército, localizado em Brasília/DF.

⁷ A oficial-de-ligação “recrutou” os entrevistados, mas, pelo que pude perceber, as pessoas podiam aceitar ou não participarem da pesquisa, e, pela variedade de casos encontrados, não houve a busca de entrevistados “ideais”, isto é, pessoas que fossem especialmente escolhidas para as entrevistas.

devem ser administradas de modo a permitir que o antropólogo também crie e experimente outras relações dentro daquelas determinadas pelos nativos.

Passemos agora à análise, ainda inicial, dos dados obtidos com essas primeiras incursões etnográficas.

As famílias de oficiais da AMAN

Procuraremos, de forma preliminar, apresentar alguns dos resultados obtidos através da pesquisa de campo e das entrevistas realizadas até o momento.

Primeiramente cabe destacar que quase metade dos entrevistados (9 homens e 5 mulheres) possuem algum parente militar (avô, pai, tio, irmão ou primo que servem ou serviram em uma das Forças – Exército, Aeronáutica ou Marinha). E que se considerarmos a idade dos casamentos e dos filhos/as dos entrevistados, há 6 casais com filhos/as entre 13 e 27 anos⁸, sendo que 3 desses casais possuem um filho que pretende ou está seguindo carreira militar: dois são cadetes na AMAN e um está se preparando para prestar EsPCEEx (Escola Preparatória de Cadetes do Exército – Campinas/SP). Junto a esses dados temos que, conforme o *Anuário Estatístico da AMAN*, no ano de 2006, dos 1729 cadetes que estavam na AMAN, cerca de 37% tinham o pai e/ou mãe militar. Assim, esses dados, embora ainda insuficientes, nos fazem pensar na idéia já abordada por Castro (1993) de um “fechamento social” da Instituição: um número significativo de filhos de militares ingressados na Academia Militar que revelam uma influência familiar – direta ou não, mas sempre vista como “natural” – para a escolha de suas carreiras.

Dito isto, veremos como as famílias de militares lidam com a questão das freqüentes mudanças, como é a vida nas vilas militares, os eventos sociais que essas famílias freqüentam e como é ser esposa de militar para as entrevistadas; sempre lembrando que o próprio termo “família militar” é entendido como um conceito nativo e que será melhor discutido ao fim deste texto.

a) Mobilidade geográfica

De um modo geral, os oficiais de carreira do Exército são movimentados, isto é, transferidos de organização militar, a cada 2 ou 3 anos. O plano de carreira militar ainda inclui um período para os aperfeiçoamentos da profissão: a EsAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – Rio de Janeiro/RJ) e, anos depois, a ECEME (Escola Superior e Estado-Maior do Exército – Rio de Janeiro/RJ). As transferências são de caráter nacional e, os destinos, na maioria das vezes, dependem da classificação adquirida pelo oficial nesses

⁸ Essa faixa entre 13 e 27 anos de certo modo compreende as idades em que se definem a entrada na EsPCEEx e/ou AMAN, ou em faculdades civis.

cursos de aperfeiçoamento. Um general, por exemplo, chega a fazer cerca de 15 transferências durante sua carreira. E nessas mudanças a família (cônjuge e filhos/as), quase sempre, o acompanha.

Os casais afirmam que a constante mudança gera uma série de problemas para a adaptação do militar e sua família ao novo lugar (desde o espaço da nova casa até os costumes de determinada região), mas também proporciona, segundo eles, a possibilidade de conhecer novas pessoas e novos ambientes:

As dificuldades são próprias da parte prática, de você montar a casa, desmontar a casa. Então vai das coisas mais simples, cortina que não dá numa janela até móveis que não cabem, configurações da casa que você não tem, o quarto da criança que daqui a pouco você não tem mais. **A casa você pega independente da sua estrutura familiar. Então é uma casa padrão, ela tá lá, você não escolhe a casa pelas suas necessidades, você é escolhido.** É aquela casa que tá lá pra você. E tem a parte com o próprio envolvimento, adaptação com a nova cidade, novos costumes, a parte da cultura. As crianças quando tão maiores envolve a parte de colégio, de amizades. A nossa própria convivência com os companheiros também muda de uma cidade pra outra, o jeito que as pessoas são. **Você se adapta muito várias vezes. Você chega e quando você já está adaptado, você muda de novo. Essa que é a realidade.** (Oficial)

Um dado interessante relatado por um dos entrevistados é a figura do “padrinho”: um militar encarregado de “recepcionar” a nova “família militar”, de ajudar com a mudança e outros percalços decorrentes dela.

Como eles destacam, a casa destinada a morarem normalmente é um imóvel militar, cujas moradias são padronizadas e regidas pelas normas da própria instituição do Exército. Algumas dessas regras são: não se pode mudar a arquitetura da casa; para realizar melhorias no lar é necessário pedir autorização à organização militar; devem-se manter os jardins da casa sempre arrumados, etc. Mas essas casas têm vantagens para eles, como o preço do aluguel, que é “ajustado” de acordo com o soldo do militar. No entanto, entre as várias transferências é comum os oficiais não encontrarem uma dessas moradias disponíveis e precisam alugar um imóvel fora da área militar, o que para eles, em alguns casos pode vir a tornar-se um outro complicador para a mudança.

No entanto, mesmo quando instalados no novo lugar, outros obstáculos surgem para o militar e, sobretudo, sua família: como a dificuldade de emprego e/ou faculdade para a esposa e demais dependentes dos militares.

As barreiras para cursar uma faculdade vêm do fato de que, a cada nova mudança de região, o dependente de militar que estuda numa faculdade e/ou universidade, corre o risco de atrasar a conclusão de seu curso, pois a transferência entre faculdades não implica na validação total dos currículos do aluno, ou seja, se, por exemplo, um aluno que está no 5º

semestre de algum curso na UNB, ao se mudar para o Rio de Janeiro precisará voltar para o 1º semestre do mesmo curso na UNIRIO.

Com relação ao emprego podemos notar que a esposa de militar enfrenta maiores dificuldades para exercer uma profissão. Nas várias entrevistas, tivemos que o ser “mulher de militar” já era uma condição para não serem admitidas em empresas e indústrias, visto que não seriam um “bom investimento” já que o emprego para elas seria de certo modo “provisório”, com uma duração de 2 a 3 anos (o equivalente ao período em que o marido estaria servindo numa instituição militar na região). A falta de estabilidade num trabalho também não permite a ascensão na carreira, gerando “frustrações” em algumas das esposas entrevistadas. No entanto, muitas dessas mulheres de militares pensam como alternativa a essa dificuldade, prestar um concurso federal; não só porque é um emprego estável, mas porque tem como vantagem a possibilidade de serem transferidas de lugar quando o marido militar tiver que mudar de cidade e/ou estado.

E há mulheres que tentam investir na carreira, mas só conseguem isso num curto período, como no exemplo abaixo:

A esposa é psicóloga e trabalha em Lorena. Ela tem uma clientela considerável lá. A psicologia requer muita confiança do paciente com o profissional, então ela conquistou essa clientela, a muito custo, muito trabalho. E o marido [militar] serviu muito tempo em Lorena e quando ele veio transferido pro Rio pra fazer EsAO, ECEME, ela ficou em Lorena. E ele praticamente tinha uma vida familiar no sábado e no domingo. Quer dizer, prejudica o relacionamento com os filhos, com a própria esposa, é uma vida afetiva complicada, mas ele entendeu o lado dela. Mas depois da ECEME ele foi transferido pra Cuiabá e aí ficou complicado, aí ela foi com ele pra Cuiabá, porque ía ficar sem marido dois, três anos?! E ela chegou lá, tentou montar um consultório, chegou a alugar um mas não tinha cliente, ninguém conhecia a Doutora Elisa* lá em Cuiabá. Então ela ficou sem cliente e foi obrigada a fechar o consultório, perdeu o exercício da profissão. (Oficial)

* Nome fictício

No entanto é bom deixar claro que das 15 esposas de militares entrevistadas, 9 não estão trabalhando no momento. Mas, 13 são formadas em alguma profissão, 1 está fazendo curso de graduação, e somente 1 é dona de casa. As esposas quando não estão trabalhando, na maioria das vezes, estão fazendo outras atividades como curso de inglês, curso de pós-graduação, curso de pintura, artesanato, etc. Mesmo a esposa que se disse dona de casa trabalha com artesanato no SASAMAN (Serviço de Assistência Social da AMAN). Assim, das entrevistadas, somente as esposas que têm filhos pequenos estão sem alguma atividade no momento. Portanto, apesar da profissão do marido limitar de alguma forma a carreira da mulher, pelos dados que encontrei, isso não significa que ela tenha que “abrir mão” totalmente de estudos ou trabalho, mas deve deixá-los em determinados períodos para segundo plano, em prol da profissão do marido e da família.

Trabalhando ou não, a esposa de militar, como disse a mulher de um capitão, “tem que estar sempre pensando na carreira do marido”.

Eu acho que pra mulher, a mulher de militar, tudo é mais complicado, porque a gente tem que deixar a família da gente, a gente tem que deixar o trabalho da gente, porque a mulher tem sempre que se estruturar em função da carreira deles né?! (Esposa)

Quando a gente casa com eles [militares], a gente casa com a Força junto. E aonde tem missão, aonde eles são designados, a gente tem que ir, não é uma opção. (Esposa)

E no caso, a profissão militar, que é vista pelos militares como um “modo de vida”, um “sacerdócio”, “em prol de um bem maior”, acaba tendo um valor maior para a estruturação das suas famílias; poderíamos dizer até que a instituição militar “engloba” a família dos militares, pois o modo como a esposa e os/as filhos/as vivem, sofre influência direta do trabalho do marido militar.

b) A vida na vila militar

A vila militar em Resende, que faz parte do complexo da AMAN, é composta por 580 moradias destinadas a oficiais, praças (cabos e sargentos) e funcionários civis. As vagas na vila são condicionadas ao oficial que possui dependentes. Há também na cidade um prédio exclusivo para homens militares solteiros, e um prédio para militares e seus dependentes. A moradia militar é denominada PNR (Próprio Nacional Residencial).

De certo modo, notamos que a estrutura da vila reflete a hierarquia operada na Academia: há a divisão “vila dos oficiais” e “vila dos sargentos”, cada uma composta de um clube próprio, indicando que a diferenciação por círculos hierárquicos encontrada no ambiente de trabalho, estende-se para o ambiente de lazer e, como veremos depois, para o círculo de amizades. As casas são padronizadas e também vão ficando maiores e mais espaçosas à medida que aumentam as graduações dos militares, isto é, as moradias de oficiais subalternos são térreas e pequenas se comparadas às dos oficiais superiores, que são sobrados. Essa diferença também se reflete em relação ao pagamento de aluguel: quanto maior o posto, maior o valor pago.

As moradias dos oficiais superiores (exceto major) são chamadas, segundo os militares, de “casas funcionais”, pois, ao contrário das demais, não é preciso fazer requerimento da moradia ou ficar esperando por uma vaga, porque elas já são destinadas a esses oficiais assim que eles chegarem à Academia; poderiam ser denominadas também de “casas fixas”. Por exemplo, no caso de um subcomandante: todo e qualquer subcomandante que chegar à Resende vai ocupar a casa definida como a “casa do subcomandante”. Outro

ponto refere-se à casa do general, comandante da Academia: ela localiza-se distante da Academia e da vila, e é vigiada por um militar 24 horas por dia. Segundo um capitão, isso se deve ao fato de que *“o comandante é o ator político da Academia, ele representa a Academia institucionalmente e para o meio externo, enquanto que o subcomandante é quem lida com os ‘pepinos’ do dia-a-dia da AMAN”*. Para este capitão, o afastamento é necessário para que o general não fique sobrecarregado com os assuntos cotidianos da Academia.

Toda essa configuração da vila nos indica que as famílias de militares acabam convivendo e compartilhando mais relações com outras famílias de mesmo círculo hierárquico do cônjuge militar, não só pela proximidade das casas, mas por participarem das mesmas atividades sociais. E de certo modo, esse convívio acaba sendo um reflexo do quartel, pois não só aproxima as famílias de oficiais de mesmo círculo hierárquico e/ou Arma, como também distancia a proximidade dessas com famílias de sargentos. Assim, temos que

O ambiente militar ele é formal, regido pela hierarquia e pela disciplina, então naturalmente existe todo um trato de respeito entre tenentes e capitães, e capitães e majores, e majores e tenentes-coronéis. Até o general. E essa formalidade, eu sempre falo pra minha esposa: “o ser humano é uno. Não existe o Luís* no trabalho e o Luís em casa, é a mesma pessoa”. E essas **duas vidas, a profissional e a familiar, elas se mesclam, então naturalmente os militares trazem pra dentro de casa essa hierarquia**. (Oficial)

*Nome fictício.

Existe um relacionamento de amizade do general ao soldado, mas o convívio social deve seguir determinados limites de convivência pra evitar que aqueles elementos de uma formação militar de um nível menor, por falta até de cultura ou maturidade, confundam amizade com promiscuidade. Existe um limite muito tênue entre a amizade e a promiscuidade. Eu sou amigo do meu filho, mas eu não sou o coleguinha de futebol dele; eu sou pai, meu filho é meu amigo mas acima de tudo eu sou pai, exerço uma autoridade. É mais ou menos por aí, **existe amizade, mas existe autoridade** (Oficial).

Quando ele era tenente, a tendência sempre era você procurar as esposas de tenente. É sempre assim. Não fazem de propósito já é **uma coisa natural**. Acho que é a mesma realidade, a mesma faixa etária.. (Esposa)

Sobre a relação oficial e sargento temos um exemplo que um oficial e sua esposa contam: toda vez que um amigo sargento ia visitar a casa deles, estacionava o carro longe da residência para ninguém saber que ele estava lá, sempre com a prerrogativa de “o que vão pensar de um sargento na casa de um oficial”. Isso segundo o oficial:

É uma questão deles [sargentos] pra nós, um certo receio, um certo respeito. Mas com o tempo essas coisas já evoluíram bastante, mas ainda existe, não chega a ser discriminação, mas é um certo resguardo. O que tem dentro do quartel, já passa pra fora, no convívio. O que há é uma extensão do que se faz dentro do quartel pra fora né, já mora em vilas diferentes.

Todas essas narrativas nos mostram que as regras e condutas estabelecidas na instituição militar (local de trabalho) se mantêm no ambiente doméstico e de lazer dessas

pessoas, ressaltando-se, sobretudo, os valores da hierarquia e disciplina – os pilares da instituição⁹.

Mais que isso, encontramos evidências de que algumas esposas civis de militares comportam-se de modo paralelo ao cargo do marido militar, como meio de diferenciação e status simbólico perante o grupo¹⁰, ou seja, acabam reproduzindo a hierarquia deles perante outras esposas.

Por um lado, essa “hierarquia das esposas” é vista como positiva e até “funcional” para os entrevistados: a esposa de comandante de curso e/ou a esposa do general – comandante da Academia – assumem tarefas tais como: organizar eventos para reunir as esposas, tratar de lembrar os aniversários das mulheres e presentear-las com algum bem simbólico, verificar se as esposas passam por dificuldades, enfim, acabam assumindo um papel de “representante” das esposas de militares. A organização SASAMAN (Serviço de Assistência Social da Academia), localizada dentro da AMAN, é um bom exemplo disso: é uma associação composta majoritariamente por mulheres de militares, coordenada pela esposa do comandante da AMAN e voltada para ajudar famílias de militares de baixa renda da própria vila militar.

Mas, segundo os casais, a hierarquia também pode ser empregada de maneira “negativa” e isso, normalmente, é um problema que as esposas de oficiais subalternos e/ou sargentos passam com mais frequência: há toda uma preocupação, vinda principalmente dos maridos militares em como suas esposas devem tratar e respeitar as esposas de oficiais mais

⁹ Piero Leirner (1997) com seu estudo etnográfico no Exército Brasileiro, já apontava que o registro central na vida militar é operado pela hierarquia. Logo, ela seria uma espécie de “fato social total”: ao mesmo tempo em que a hierarquia representa um princípio formador de identidade coletiva que estabelece uma fronteira clara entre mundo “de dentro” (militares) e mundo “de fora” (civis), ela também estruturaria as relações internas aos próprios militares. Ela atuaria tanto nos seus aspectos que poderiam ser rotulados de técnico profissionais (a divisão de trabalho, os salários, a divisão espacial nas organizações militares, etc.), como nos seus aspectos cotidianos (refeição, moradia, lazer, etc.).

Cabe destacar que sempre quando falamos em hierarquia estamos nos apoiando na noção trabalhada por Louis Dumont (1992;1993). Dumont, através de uma perspectiva comparativa entre a Índia e o Ocidente (sobretudo com seu estudo sobre o sistema tradicional de castas na Índia), identifica dois modelos de sociedades: uma baseada na hierarquia (“holista”), e outra na igualdade (“individualista”) – esses dois modelos são opostos e caracterizariam, respectivamente, as sociedades tradicionais e a sociedade moderna. No holismo, o valor se localiza no ser coletivo como um todo, enquanto que no individualismo, o indivíduo constitui-se como valor primordial. Assim, Dumont desenvolve uma teoria geral da hierarquia, apresentando como principal aspecto uma relação hierárquica entre hierarquia e igualitarismo. Esses dois elementos, presentes em toda parte, mas contraditórios entre si, revelam uma relação hierárquica na qual um ou outro, dependendo da sociedade em que se encontram, se tornam um componente residual e englobado pela lógica precedente; logo, esses dois pólos (indivíduo e totalidade social) coexistiriam numa hierarquia de valores, na qual, dependendo da sociedade, um engloba o outro – Dumont denominou essa relação como *englobamento do contrário* (Leirner, 1997).

¹⁰ A idéia de diferenciação e status simbólico vem dos estudos de Pierre Bourdieu (1989). Segundo o autor, o mundo social atua por meio de sua própria objetividade (propriedades etc) pelo sistema simbólico que, por conseguinte, organiza-se segundo a lógica da diferença. Outro nome dessa distinção, é o que Bourdieu chama de capital simbólico, ou melhor dizendo, de qualquer espécie de capital – econômico, cultural, simbólico etc – que contribuem para estabelecer as posições dos agentes no espaço social segundo suas distribuições de poder.

graduados; é como se o “*Você sabe com quem está falando?*”¹¹ fosse lembrado a todo momento. Também soubemos de casos em que a hierarquia do militar era “passada” para os filhos/as que, em determinados contextos, usavam a hierarquia do pai como pressuposto para poder se sentir mais importante que outra criança.

Logo, podemos falar que os militares “trazem pra dentro de casa” a hierarquia regida no quartel.

Cabe notar que o próprio círculo de amizades dessas pessoas também acaba sendo, na maior parte, compreendido por outras famílias de militares que são não só seus vizinhos de vila como também as pessoas que você poderá de alguma forma se amparar nos momentos de dificuldade, por estarem próximas.

c) Eventos / atividades sociais

De acordo com os entrevistados, a AMAN, diferente de outras organizações militares, apresenta um grande número de atividades sociais por ano. Trata-se de jantares, almoços, churrascos, reuniões, bailes, que podem ser tanto formais quanto informais. Dentre os eventos e datas significativas, podemos destacar: Baile do Espadim e do Aspirantado¹², aniversário da Academia, Dia do Exército, Semana do Soldado, Confraternizações dos Cursos, Dia das Armas – Dia da Artilharia, Dia da Infantaria, etc. O interessante aqui é que mesmo nos eventos tidos como “informais” – as confraternizações dos cursos, por exemplo – há uma série de condutas e comportamentos a serem adotados que reproduzem as normas e regras da própria instituição militar.

Os informantes destacam que nos eventos há sempre a criação de grupos, separados entre homens e mulheres, e também entre círculos hierárquicos.

No baile como é um evento mais formal fica bem caracterizado o círculo de amizades entre os familiares. A tendência é as esposas de coronéis se juntarem numa mesma mesa, as esposas de capitães etc. A tendência é esses grupos de mesmo nível hierárquico se formarem. Inclusive no churrasco, mesmo sendo informal, as pessoas se segregam, apesar de não ter separação formal, de todo mundo sentar aonde quer, **naturalmente, vão se formar os grupinhos**: os sargentos com suas esposas, os tenentes, naturalmente. Você vai ver que todo mundo conversa entre si, mas naturalmente na hora de sentar e ocupar os lugares da mesa, **as pessoas vão se agrupar dentro do nível hierárquico**. (Oficial)

¹¹ DaMatta (1997) apresenta a expressão “*Você sabe com quem está falando?*” como referência a um sistema, que é operado no Brasil, de idéias paradoxais como a hierarquia e a igualdade. Assim, essa expressão é usada para que o igualitarismo formal e legal fique submetido a outras formas de hierarquização social.

¹² O Baile do Espadim marca, simbolicamente, o momento em que os cadetes do 1º ano são “declarados oficialmente” como cadetes; há uma cerimônia com a presença de familiares e convidados para a entrega do espadim (miniatura do sabre de campanha do Duque de Caxias, patrono do Exército) a esses cadetes. Já o Baile do Aspirantado marca a saída do cadete do 4º ano como aspirante a oficial; na cerimônia há a devolução do espadim e a entrega da espada.

No meu aniversário esse ano eu fiz uma reunião em casa, coisa informal. Daqui a pouco eu vi, tavam todas as mulheres sentadas juntas. Aí depois quando nós [militares homens] sentamos, ficaram duas mesas, uma só de mulheres e outra só de homens. (Oficial)

Com isso temos que a atividade social e/ou evento reproduz a hierarquia na Academia, mas também forma uma “divisão” entre os sexos: enquanto os homens tratam de assuntos do “trabalho”, as mulheres conversam sobre atividades “do lar”.

Sobre esse ponto, é bom destacar que entre as esposas entrevistadas, uma é militar temporária (tenente). A divisão em grupos de homens e mulheres nos eventos causou um certo desconforto para ela quando tornou-se militar:

Antes de eu ser militar eu tinha mais em comum com as outras esposas, porque muitas delas se atarefavam mais de cuidar da casa, cuidar dos filhos, levar filho no colégio. Mas depois que eu virei militar eu não tenho mais esse tempo, então às vezes quando a gente se reúne os assuntos não são mais os mesmos. Às vezes eu me identifico mais com o papo deles [homens militares] do que com as esposas que tão conversando sobre filhos, escola, compras, roupas, maquiagem, essas coisas.

Cabe agora uma breve passagem sobre um evento em que estive presente no fim de 2007: na Confraternização do curso de Infantaria da AMAN. As confraternizações são churrascos ou jantares, realizados no início e fim de cada ano como uma das formas de sociabilidade do grupo: no início do ano têm a finalidade de recepcionar os oficiais (e seus familiares) recém-chegados à Academia, apresentando-os aos demais; e ao fim do ano, o evento serve como despedida àquelas pessoas que estão sendo transferidas para outras organizações militares.

Logo que cheguei pude notar o “clube do bolinha e da luluzinha” de que tanto meus informantes falaram: as mulheres estavam sentadas em grupos pelas mesas e os homens em pé conversando. O comandante e sua esposa eram os únicos que circulavam por ambas as rodas (de homens e de mulheres). A reunião compreendia os oficiais de Infantaria e suas esposas/noivas/namoradas e filhos/as. A grande maioria dos filhos presentes eram crianças com pouca idade e, somente um oficial – um capitão – era solteiro. Um fato curioso foi que a minha presença não causou muita surpresa ou curiosidade no grupo, pois havia os que sabiam que eu era pesquisadora e havia outros (principalmente as esposas), que achavam que eu era noiva ou namorada de militar, porque fui questionada sobre assuntos do cotidiano deles, como aonde iria morar no ano que vem (perguntando-me sobre as freqüentes mudanças que os militares e suas famílias passam).

Enfim, antes do almoço começar, houve um cerimonial que compreendia o discurso do comandante e as homenagens prestadas aos oficiais que estavam indo embora da Academia. Nessa hora, todos os homens ficaram de pé e à nossa frente encontrava-se o comandante e sua

esposa. As homenagens duraram cerca de uma hora e a cerimônia realizada era a seguinte: primeiro homenagearam os coronéis que estavam presentes no evento; depois os oficiais que seriam transferidos – o próprio comandante era um deles – e, ao fim, houve uma fala de agradecimento às esposas de militares – discurso sempre recorrente nos eventos e atividades sociais dos militares.

Os discursos de agradecimento às esposas de militares acabam se estendendo também aos filhos/as e ressaltam a importância que o Exército reserva à família. Assim,

Se fala em todos os eventos, praticamente, a importância da mulher na vida do militar, a importância da coesão da família, até porque é uma profissão difícil e **a gente tá sempre rendendo pleitos de agradecimento às esposas (...) desculpas pela abnegação excessiva, mas é uma dedicação extrema, é mais que uma profissão**, é um modo de vida. A gente costuma na gíria chamar de **um sacerdócio**, um compromisso espiritual, o militar tem um compromisso espiritual com a carreira e a família tem um papel fundamental nisso aí. (Oficial)

Dessa forma, ao admitirem que a profissão militar é uma profissão “difícil”, devido aos horários rígidos e dedicação quase que exclusiva (“compromisso espiritual com a carreira”) – de acordo com um coronel, eles têm hora pra chegar ao quartel mas não tem hora pra voltar para casa – , os militares arranjam formas de compensar suas famílias pela constante ausência; e uma delas, como pudemos perceber, é a prática do discurso em público: as esposas e os/as filhos/as são sempre homenageados em eventos sociais.

* * *

De acordo com os dados apresentados até agora observamos que a vida militar pode ser caracterizada como uma vida de “risco”, com alta mobilidade geográfica, separação temporária da família, treinamentos intensivos, disciplina severa, exposição a perigos, solidez moral e obediência profissional acima de qualquer direito ou dever pessoal (D’Araújo, 2003). E, como podemos notar nas narrativas, estes aspectos influenciam diretamente as famílias dos militares, nos indicando que a própria ideologia da instituição militar (caracterizada como “holista”, na qual se configura a preeminência da coletividade sobre os indivíduos como fundamental para o bom desempenho das atividades do quartel¹³) condiciona a vida familiar do militar.

A questão da importância e valorização da família presente nos discursos dos militares nos confirma isso, visto que a formação de uma “família estruturada”, que dê estabilidade emocional e amparo ao militar, é considerada um fator positivo e visto com “bons olhos” pelo Exército.

¹³ Sobre isso e sobre a construção da identidade militar, ver Castro (1990).

Sem contar que o próprio termo “família militar” utilizado pelos militares e sempre enfatizado nas entrevistas, nos revela essa forte relação da vida militar com a vida familiar.

A “família militar” é todo mundo que tá aqui, tanto aqui dentro [quartel] quanto lá fora na vila. A gente chama “família militar” porque acaba sendo uma grande família, que a **nossa relação acaba extrapolando a relação de trabalho**. (Oficial)

Esse termo que a gente emprega no meio militar, o tal da “família militar”, ela é uma realidade. Você às vezes não tem ligação nenhuma com as pessoas do local, entretanto, o cara recebe o apoio como de família, coisas que você faz pro seu irmão e tal. A solidariedade é a materialização desse termo “família militar”, você chega num local, se identifica ali “ah eu sou capitão”, pode não ter ninguém da sua turma ou quem você tenha servido mas as pessoas te oferecem suas casas. Isso é costume, é tradicional. (Oficial)

Desse modo, a “família militar” abrange a instituição como um todo, coletivo (o Exército no caso) e revela a identidade de grupo, caracterizada pela “união” e “forte solidariedade”. A idéia é que devido aos constantes deslocamentos geográficos, os militares e suas famílias sempre estão distanciados de parentes “de sangue” e acabam reconhecendo seus vizinhos (outras famílias de militares) como parentes circunstanciais. Pois essas famílias compartilham, de um modo geral, os mesmos tipos de experiências e dificuldades já citados neste texto e, por estarem próximas, acabam sendo solidárias umas com as outras em diversos momentos. Logo, a “Família militar” evidencia um dos valores que são reforçados e sempre lembrados na Academia: a importância da família como suporte para a vida. Esse sentido abrange não só a idéia da família – coletivo militar – mas também a importância de se valorizar a sua unidade familiar (cônjuge e filhos/as).

Conclusão

Procuramos aqui, de forma preliminar, apresentar alguns dos resultados obtidos com o estudo etnográfico, ainda em andamento, acerca das famílias de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados têm mostrado que o próprio termo “família militar” é tido como um conceito nativo, pois significa para os militares tanto a identidade do grupo, a instituição militar como um todo, caracterizada por uma forte “união, apoio e solidariedade”; como também evidencia um dos valores sempre lembrados na Academia: a família como suporte para a vida.

Assim, vemos que a “família militar” apresenta características que são definidas, sobretudo, pelas normas e condutas da instituição militar, nos sugerindo a idéia de que a família possa ser uma extensão do quartel, que se reflete na organização da moradia, do cotidiano dessas pessoas e nas suas formas de sociabilidade. O universo da “família militar” é marcado, de acordo com os entrevistados, por um convívio maior com famílias de mesmo círculo hierárquico do cônjuge militar, pela reprodução da hierarquia militar entre as esposas

em determinados contextos; e por certas dificuldades, quase sempre relacionadas com as esposas, como o problema delas em dedicar-se a uma profissão, devido às freqüentes mobilidades geográficas que o oficial de carreira é submetido. No entanto, mediante essas dificuldades, há uma forte valorização e importância da esposa e filho/as de militares através de discursos e homenagens que estes últimos prestam à família como meio de se “desculpar” pela dedicação quase que exclusiva ao quartel. Com isso, percebemos que a vida militar, a todo o momento, reflete nas condutas e práticas dessas famílias que, se consideram, diante de todas essas particularidades, como “diferentes” das demais estruturas familiares.

Vale mencionar que esta é uma análise inicial dos dados, e que, posteriormente, pretendemos um melhor aprofundamento reflexivo e teórico dessa etnografia.

Bibliografia

- BOURDIEU, P., 1989, *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- _____.1999, *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CARSTEN, J., 2003. *After Kinship*. London: Cambridge University Press.
- CASTRO, C., 1990, *O Espírito Militar: Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____.1993, “A origem social dos militares”. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo (37).
- D’ARAÚJO, M. C., 2003. “Pós-modernidade, sexo e gênero nas Forças Armadas”. *Security and Defense Studies Review*, vol.3, nº.1. Disponível em: <<http://www3.ndu.edu/chds/journal/index.htm>>
- DA MATTA, R., 1997, *Carnavais, Malandros e Heróis*, Rio de Janeiro: Rocco.
- DUMONT, L., 1992 [1967], *Homo-Hierarchicus*, São Paulo: Edusp.
- _____. 1993, *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rio de Janeiro: Rocco.
- FONSECA, C., 2007. *Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações*. Cadernos Pagu, 2007, vol.2, n. 29, ISSN 0104-8333.
- HÉRITIER, F., 1989. “Masculino/Feminino”, in *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 20, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 11-26.
- LEIRNER, P.C., 1997, *Meia-Volta, Volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*”, Rio de Janeiro: FGV/Fapesp.
- _____.2003. *Hierarquia e Individualismo: a antropologia de Louis Dumont*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LÉVI-STRAUSS, C., 1956, “A Família”, in Shapiro, H. L., *Homem, Cultura e Sociedade*, Lisboa: Fundo de Cultura.
- SCHNEIDER, D., 1968. *American Kinship: a cultural account*. New Jersey: Prentice-Hall.
- STRATHERN, M., 2006. *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Tradução de André Villalobos. Campinas, SP: Editora da Unicamp.